

## 6 Conclusão

Propusemos analisar a dimensão educativa do Teatro Experimental do Negro e discutir a dificuldade de suas lideranças em conseguir impor o debate da questão racial negra, assim como o reconhecimento desta identidade na sociedade brasileira das décadas de 1940 e 1950.

Apresentamos uma breve biografia sobre a vida e obra de Abdias do Nascimento, apontando que sua luta contra o racismo e a discriminação racial começou muito antes de se envolver com movimentos negros organizados, como foi o caso de sua participação na FNB (1931). Sua forma de expressar o descontentamento com relação à situação do negro no Brasil deu origem a várias obras publicadas, em português e inglês, e inúmeros quadros, os quais – como mencionamos - fazem parte do acervo Abdias do Nascimento.

Analisamos, também, as categorias de análise do presente trabalho, à luz de teóricos brasileiros e estrangeiros, os quais discutem os conceitos de ‘preconceito’, ‘discriminação’, ‘raça’ ‘cor’ e ‘identidade’. São categorias eminentes no discurso ideológico do TEN, cujos objetivos eram combater o racismo e a discriminação racial e exigir o reconhecimento de uma identidade negra.

Em seguida, propusemos analisar o contexto histórico-social de fundação do Teatro Experimental do Negro e discutir o pioneirismo da entidade ao impor, publicamente, uma pauta racial e o reconhecimento de uma identidade negra; num contexto em que a ideologia da ‘democracia racial’ estava enraizada no imaginário da sociedade brasileira. Apontamos inúmeros documentos levantados no IPEAFRO, que contestaram publicamente a ideologia do TEN e o próprio nome da instituição, usando para tal desqualificação fatos internacionais que poderiam servir de exemplo para considerar o Brasil um ‘paraíso racial’.

Por fim, analisamos a dimensão educativa do TEN e selecionamos as propostas pedagógicas, de 1944 a 1950, momento de grande apogeu e repercussão social da entidade. O trabalho educativo do TEN consistia em uma pedagogia libertadora, ao articular arte-educação como veículo de conscientização da comunidade negra. As aulas de alfabetização de adultos consistiam num instrumento, o qual o educador Paulo Freire chamou de ‘leitura do mundo’. É

preciso ‘ler o mundo’, para que o sujeito compreenda o espaço que ocupa na sociedade, para poder intervir na mesma.

A estética como instrumento de busca de uma identidade negra consistiu numa das grandes propostas pedagógicas do TEN, cujo objetivo era quebrar o estigma construído, socialmente, em torno da imagem da mulher negra, a ‘mulher objeto’, mostrando sua beleza e intelectualidade. Apontamos exemplos de outras entidades, como o *Renascença Clube* na década de 1950, que promovia concursos de estética, nos quais a mulher negra era representada de forma soberana, uma rainha.

Os concursos de beleza promovidos pelo TEN visavam, também, denunciar o imperialismo da estética ariana em um contexto em que o brasileiro reconhecia publicamente a contribuição africana, indígena e européia na sua cultura. No entanto, a presença da mulher negra nos concursos de renome não era sentida.

Esta luta contra estes estereótipos se mantém até hoje, no século XXI, e temos exemplos de entidades do movimento negro que atendem juridicamente mulheres negras, vítimas de violência sexual e moral. Um estudo de Antonio Sérgio Guimarães aponta que as mulheres negras são as maiores vítimas de insultos e discriminação racial, sendo mais agredida que os homens negros.<sup>48</sup>

Apontamos, o I CNB como um importante conclave organizado pelo Teatro Experimental do Negro, na década de 1950, e como um marco da entidade, no que diz respeito aos estudos sobre o negro na sociedade brasileira. Contudo, apresentamos a complexidade da relação entre academia e militância, as quais constituíram correntes de pensamento opostas no Congresso.

Concluimos, que o TEN, mesmo com uma atuação breve, no século XX, devido à falta de patrocínio e espaço próprio para continuidade dos projetos educativos e artísticos, mantém uma contemporaneidade, se compararmos com entidades atuais do movimento negro e suas demandas. A educação é uma arma de luta contra a discriminação racial e através dela, podemos resgatar toda a memória dos povos africanos. A Frente Negra Brasileira (1931) e o Teatro Experimental do Negro (1944) fizeram da educação sua principal estratégia de ação, para transformar a situação social do/a negro/a na sociedade brasileira.

Este empenho do TEN e de outras dezenas de organizações negras do início do século XX em eleger a “instrução da população de cor” como bandeira

---

<sup>48</sup> GUIMARÃES, Antonio Sérgio Alfredo. *Classes, raças e democracia*. São Paulo: Editora 34, 2002.

de luta central abre trilhas para uma breve troca de olhares entre o ontem e o hoje. Sem incorrer em anacronismos ou tão pouco encontrar respostas definitivas, consideramos interessante apontar alguns contextos e cenários do momento político atual naquilo que tange à questão negra.

O primeiro governo Lula foi marcado pela atenção especial à pauta de reivindicações dos movimentos sociais negros, além da aproximação do Brasil com os países do continente africano. Através de um leque de ações afirmativas ligadas à educação, à questão quilombola, à mídia e à saúde, este mandato foi responsável – em 2003 - pela criação da Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial. Diretamente ligada à presidência da República e gozando do *status* de Ministério, cabe a SEPPIR formular políticas, ações e estratégias voltadas para erradicação das desigualdades sociais entre brancos e negros.

O que interessa nesse momento é sinalizar o caráter de continuidade das reivindicações negras desde o pós-emancipação até os dias de hoje. Não é demais afirmar que não queremos com isso desconsiderar mudanças e transformações vivenciadas, sobretudo a partir dos anos 1970, com a fundação do Movimento Negro Unificado (MNU) em 1979 e com a proliferação de dezenas de organizações e entidades negras em todo o território brasileiro dali em diante.

Neste momento em que os holofotes da educação se voltam para a diversidade étnico racial de nosso país, convém ressaltar que a Lei 10.639/03, que, conforme já mencionado, prevê a inclusão da história da África e da cultura afro-brasileira nos currículos escolares, não é uma benesse ou algo novo. Mais que isso, ela representa o desemboque de um processo de lutas iniciado ainda nos tempos da escravidão. Segundo seu texto:

“A demanda por reparações visa a que o Estado e a sociedade tomem medidas para ressarcir os descendentes de africanos negros, dos danos psicológicos, materiais, sociais, políticos e educacionais sofridos sob o regime escravista, bem como em virtude das políticas explícitas ou tácitas de branqueamento da população, de manutenção de privilégios exclusivos para grupos com poder de governar e de influir na formulação de políticas, no pós-abolição. Visa também a que tais medidas se concretizem em iniciativas de combate ao racismo e a toda sorte de discriminações”<sup>49</sup>

---

<sup>49</sup> Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana. Conselho Nacional de Educação, Brasília, outubro de 2005. (Publicado em 2004).

O trabalho educativo do TEN representa o entrelace do ontem e do hoje, do passado e do presente. A fala de Abdias soma-se ao conteúdo acima transcrito das diretrizes. Juntos, eles representam a costura de dois tempos históricos unidos pela centralidade da instrução e da reeducação das relações raciais no Brasil.

*O sistema educativo oficial engendra o racismo. As instituições assistencialistas que supostamente desenvolviam um trabalho educativo voltado para os negros, não tinha negros. O Teatro Experimental do Negro combatia as instituições assistencialistas e tinha claro que precisava combater o racismo (...) já havíamos feito uma análise da sociedade brasileira e observamos que os valores africanos não têm apreço da sociedade brasileira. Começamos com as aulas de alfabetização, iniciação cultural, cursos de dança e teatro. Nas aulas de alfabetização se lia e discutia as peças. Nunca pudemos desenvolver nosso programa educativo, porque não tínhamos uma sede. Eu não tinha nem onde morar. O Museu de Belas Artes cedia salas para o TEN. As peças eram nosso material pedagógico. Toda a proposta do TEN, mais tarde, estava desaguando no programa do CIEP, governo Brizola, sistema de educação integral, alimentação, tratamento dentário.<sup>50</sup>*

Muitos foram, são e serão personagens dessa história, contudo é necessário reconhecer que o Teatro Experimental do Negro, empenhado em instruir homens e mulheres negras, assim como em resgatar a memória africana, ocupa um papel protagonista neste processo. Entre os mais de sessenta anos de sua fundação (1944) e os quase quarenta de seu término (1968), o TEN é matéria, pois segue vivo como um símbolo concreto da luta da comunidade negra no Brasil.

Com isto, mostramos o pioneirismo do Teatro Experimental do Negro ao recomendar, nas discussões levantadas no I Congresso do Negro Brasileiro (1950), “o estímulo ao estudo das reminiscências africanas no país bem como dos meios de remoção das dificuldades dos brasileiros de cor e a formação de Institutos de Pesquisas, públicos e particulares, com esse objetivo”<sup>51</sup>.

O trabalho contínuo de entidades ligadas ao movimento negro tem contribuído para a discussão sobre ancestralidade e cultura africanas. Os terreiros de candomblé se constituem como nichos de resistência da cultura e religiosidade africanas, com a presença viva dos orixás: divindades africanas.

<sup>50</sup> Entrevista concedida à autora em janeiro de 2006.

<sup>51</sup> Esta é uma das recomendações que fazem parte da Declaração de Princípios do Iº Congresso do Negro Brasileiro. Este trabalho apresentou na íntegra este documento.

Para eficácia da Lei 10.639 de 09 de janeiro de 2003, precisamos de uma aproximação mais intensa com a cultura africana e afro-brasileira. A democracia racial no Brasil pode ser um mito, mas continua presente no imaginário da sociedade brasileira e um entrave para disseminação dos valores africanos, usurpados pela hegemonia europeia e, atualmente, norte-americana.

Vale lembrar, que a ideologia da ‘democracia racial’ enraizada no imaginário da sociedade brasileira dos anos 1940 e 1950 foi um entrave para a continuidade das propostas pedagógicas do TEN, tendo em vista que, para a sociedade, o negro estava incorporado à cultura nacional. A brevidade do Teatro Experimental do Negro se deve ao fato da sociedade não reconhecer, publicamente, uma identidade negra e uma questão racial emergente.

Entretanto, podemos observar que a questão levantada na década de 1940 está colocada, hoje, como uma das questões mais importantes da agenda pública. Assim, este registro é indispensável para entendermos a atual complexidade das discussões levantadas.